



A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOBRE A GRAMÁTICA UNIVERSAL NAS PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

THE IMPORTANCE OF UNIVERSAL GRAMMAR STUDIES
IN SECOND LANGUAGE ACQUISITION RESEARCH

Rosi Ana Grédis¹
Universidade Feevale

Resumo: A importância dos estudos da Gramática Universal (GU) de Noam Chomsky, tanto para pesquisas sobre a língua materna quanto para pesquisas sobre línguas estrangeiras, é incontestável. Para Chomsky e seus seguidores, aprendemos nossa primeira língua de maneira inata. Além disso, todas as línguas possuem certas características universais (princípios) e algumas diferenças entre si (parâmetros). Uma das questões mais relevantes acerca da relação entre a GU e os estudos de Aquisição de Segunda Língua (SLA) é saber se o acesso à Gramática Universal segue operando de forma semelhante quando aprendemos uma língua adicional. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como objetivo principal discutir a importância desses estudos, assim como explicar as atribuições da GU na ASL e esclarecer algumas hipóteses sobre se há, ou não, acesso à GU por parte dos aprendizes de uma segunda língua.

Palavras-Chave: Gramática Universal; Aquisição de segunda língua; Princípios e parâmetros.

¹ rosiana@feevale.br

Abstract: *The importance of Universal Grammar (UG) studies, by Noam Chomsky, both to researches on first languages and to second languages, is uncontestable. To Chomsky and his followers, we learn our first language innately. Furthermore, all languages have some universal features (principles), and some differences among them (parameters). One of the most relevant issues about the relation between UG and the studies on Second Language Acquisition (SLA) is to know if the access to UG works in a similar way when we learn an additional language. This bibliographical research has as main goal discuss the importance of those studies, explain the assignments of UG in SLA, and describe some hypotheses that might indicate if students of a second language have access or not to the Universal Grammar.*

Keywords: *Universal Grammar; Second language acquisition; principles and parameters.*

INTRODUÇÃO

Mesmo que não tenhamos ainda uma ideia exata de qual seja o papel que a Gramática Universal (GU) desempenha na aquisição de uma segunda língua, esse assunto merece atenção especial por todo o debate que tem provocado nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 80 do século passado. Adjemian (1976) foi um dos primeiros autores a adotar publicamente as ideias de Chomsky em relação ao desenvolvimento das interlínguas (IL)². Adjemian (1976), na época, afirmava que as interlínguas são sistemas naturais, envolvendo gramáticas com um formato semelhante às gramáticas criadas por crianças quando estão aprendendo suas línguas maternas (L1). Isso quer dizer, na visão do autor, que os aprendizes de uma segunda língua (L2) conseguem formar, a partir de algumas regras, um número infinito de sentenças.

Conforme o mesmo Adjemian, as gramáticas das interlínguas nas L2 serão diferentes das gramáticas de uma L1, pois o desenvolvimento dessas aceita “infiltrações” da gramática da L1 do aprendiz. Por essa razão, percebemos que não há como usar as ideias de Chomsky sem fazermos algumas adaptações para a construção de uma teoria voltada para a Aquisição de Segunda Língua (ASL). Contudo, é necessário muita cautela, pois existem diferentes possibilidades acerca do modo como aprendizes de uma L2 acessam a GU³ e também há dúvidas se realmente existe esse tipo de acesso. Este artigo, portanto, tem o objetivo principal de discutir

² Interlínguas são os estágios ou gramáticas intermediárias que ocorrem durante a aprendizagem de uma segunda língua.

³ Gramática Universal (GU) é um termo criado por Noam Chomsky para se referir ao conhecimento inato que a espécie humana possui para adquirir a língua materna. Esse conhecimento inclui todas as semelhanças que as línguas têm em comum.

essas questões e lembrar que a Aquisição de Segunda Língua é uma subárea importante da Linguística que requer estudo teórico minucioso por parte de pesquisadores e professores de qualquer língua estrangeira⁴.

1. ATRIBUIÇÕES DA GRAMÁTICA UNIVERSAL NA ASL

De acordo com Sharwood-Smith (1994), quaisquer estudos que têm a linguística como base teórica podem auxiliar na compreensão do funcionamento das interlínguas. Na opinião desse autor, o fato de Chomsky tratar as línguas – e particularmente a gramática – como um fenômeno intrínseco, e não exterior ao ser humano, é o que faz seus estudos tão relevantes para os pesquisadores de ASL. “Gramática, nesse ponto de vista, é muito mais que um sistema de regras; é a especificação do conhecimento que o usuário tem de uma língua” (Sharwood-Smith, 1994, p.146).

Apesar de sabermos que a Gramática Universal (GU) não foi especialmente construída para explicar os fenômenos que ocorrem na aquisição de línguas estrangeiras, o modo como a GU pode colaborar para um melhor entendimento sobre as diferenças e semelhanças existentes nas línguas naturais é extremamente relevante para os estudos de L1 e também de L2. Se pudermos levar a GU em conta, então poderemos correlacionar certos comportamentos dos aprendizes de L2 com pressupostos da GU, baseados nos princípios e parâmetros, isto é, nas semelhanças e diferenças que ocorrem nas línguas humanas.

Segundo Towell e Hawkins (1994), os aprendizes de qualquer L2 necessitam estar equipados com um sistema complexo que envolve termos gramaticais como nome, verbo e adjetivo, e eles precisam também saber a diferença entre morfemas livres e presos, por exemplo. Por isso, complementam os autores, a exclusão de uma teoria gramatical dentro de certas pesquisas pode conduzir a resultados equivocados. Towell e Hawkins acrescentam ainda que pesquisadores que se baseiam na teoria de Chomsky – eles dois inclusive – não sugerem que tudo deva ser explicado pela Gramática Universal.⁵ Na verdade, a GU tem muito a acrescentar sobre aspectos como a transferência e estágios de

⁴ Usaremos as expressões Segunda Língua e Língua Estrangeira como sinônimas neste trabalho.

⁵ Além de Towell e Hawkins (1994), autores como Gregg (1989), Flynn (1996) e White (1996) também concordam com esse ponto de vista.

desenvolvimento da aquisição de uma segunda língua, embora não aborde diretamente questões de variação linguística. Uma das definições mais habituais da GU, como já exposto anteriormente, afirma que ela é uma faculdade inata da linguagem presente na mente humana. Seu papel na aquisição da linguagem é tornar disponíveis as gramáticas possíveis existentes no meio em que o aprendiz se encontra. Os princípios da GU são específicos para a aprendizagem das línguas naturais e, segundo Chomsky, não se aplicam a outros domínios cognitivos. A GU tenta explicar como os aprendizes da L1 adquirem uma gramática tão complexa em um *input* relativamente pobre. A GU seria, portanto, como uma ponte que liga o *input* recebido pelo aprendiz à gramática final que ele está adquirindo em sua língua materna.

A hipótese de Towell e Hawkins (1994) e de outros tantos estudiosos da ASL sobre a natureza da aquisição de L2 é de que, na sua essência, ela é semelhante à aquisição de L1, pois os aprendizes de L2 também precisam construir uma gramática que será determinada por princípios da GU, tendo que fixar certos parâmetros existentes somente na L2.⁶

Conforme Cook (1988, 1991), a teoria da GU tem a capacidade de auxiliar os professores de língua estrangeira (LE) a olhar a aquisição de L2 a partir de uma perspectiva mais científica. Aliás, na opinião do autor, esse é um dos pontos fortes da teoria gerativista. Cook questiona o modo como certos professores pensam na aquisição de L2. Para ele, os professores são apenas “treinados” para ensinar, e não para refletir sobre a aquisição e o ensino de uma L2. Por esse motivo, quanto mais informações nós tivermos a respeito de como os aprendizes realmente adquirem uma língua, mais condições teremos de fazer qualquer método de ensino funcionar com maior eficácia.

A vantagem de estudar os princípios e parâmetros da GU, segundo Cook (1991), é que tanto os professores quanto os pesquisadores passam a entender melhor como acontece a aquisição de L2. Ele considera improvável que um aprendiz produza estruturas que não estejam presentes na GU, quer dizer, os aprendizes não violam os princípios universais. Acima de tudo, diz o autor, a Gramática Universal é a competência que possuímos em nossas mentes para a aquisição da

⁶ Incluem-se nessa lista autores como Cook (1988, 1991), White (1987, 1989, 1992) e Gass e Selinker (1983).

linguagem e, por esse motivo, é bastante relevante para a sequência dos elementos que devem ser ensinados em sala de aula. Mesmo assim, pesquisadores e professores precisam se conscientizar de que não podemos afirmar com certeza que os aprendizes adquirem primeiro as estruturas mais fáceis de usar ou de aprender.

Para Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), é importante que o professor conheça certas particularidades consideradas difíceis na língua que ensina, pois, frequentemente, dificuldades aparecem quando as formas são infrequentes ou possuem muitas funções na oração.

Há muitos fatores a serem discutidos quando tratamos da influência da GU na aquisição de L2. Se o assunto em questão for a pobreza de estímulo, por exemplo, pesquisadores da linguagem (Cook, 1988; Sharwood-Smith, 1994) percebem que as crianças não necessitam de correção para que aprendam a gramática de sua língua. A questão se complica quando se trata da aquisição de L2: como saber, com certeza, se a correção feita pelo professor é realmente necessária e útil para o aprendiz? A autora Larsen-Freeman (1995) argumenta que a correção em sala de aula não é necessária, na maioria das vezes. Sua opinião é semelhante à de Krashen (1981), que já havia proferido, na década de 1980, que somente a ocorrência das formas linguísticas em situações comunicativas basta para os aprendizes aprenderem a língua-alvo. Para os teóricos da GU, os aprendizes são equipados com um conjunto de princípios que restringem certas hipóteses, e então a ocorrência das formas linguísticas na comunicação é suficiente. Se os aprendizes estão expostos a essas “ocorrências positivas”, o parâmetro é acionado no caso da L1 e refixado no caso da L2.

Entretanto, outros autores (Schachter, 1988, 1989; White, 1987) declaram que a correção pode ter um papel importante, e essa parece ser a opinião mais frequente a partir dos estudos dos anos 1990. Para White (1987), a GU está em operação na aquisição da L2, mas isso não quer dizer que a correção por parte do professor não seja um requisito para a aquisição da L2, ainda que não o seja para a L1. Larsen-Freeman (1995), por sua vez, assegura ser muito difícil chegarmos a uma resposta única sobre como devemos corrigir os aprendizes em L2. Para ela, é mais provável que se considere a correção como algo útil para certos aprendizes, em certos momentos e para certas estruturas presentes na

língua em questão. Já Wolfe Quintero (1992) observa que a teoria da GU deve dar conta de como os aprendizes adquirem certas estruturas morfológicas e lexicais específicas da linguagem. Para ela, as exceções lexicais e morfológicas são frequentemente consideradas parte de uma gramática marcada e periférica, e o aprendizado desse tipo de estrutura ainda não é bem explicado pelos gerativistas.

Segundo White (2007), embora as definições e propostas da GU de Chomsky tenham mudado ao longo dos anos — Teoria da Regência e Ligação (1981) e Minimalismo (1995), por exemplo —, sua natureza e seu conteúdo continuam sendo os fatores mais importantes da teoria linguística. Os princípios da GU restringem as formas e regras gramaticais; dessa forma, os falantes não precisam aprender esses princípios porque eles são construídos dentro da GU. Os parâmetros, por sua vez, se referem a certas diferenças encontradas nas línguas naturais e são facilmente adquiridos pelos falantes de uma L1. O *input* tem papel crucial nessa questão, pois é ele que determina a escolha paramétrica do aprendiz. Quando discutimos a aquisição de uma segunda língua, a questão se complica e é controversa, mesmo entre os autores que adotam a GU como base teórica para os estudos em ASL: Até que ponto o *input* é importante?; De que modo os aprendizes acessam a GU?; Como aprendem parâmetros que não estão presentes nas suas línguas maternas?

Schachter (1988, 1996) também aborda questões cruciais sobre a influência da GU na aquisição de L2. A autora revê a definição da GU, dos princípios e dos parâmetros. O papel da GU na explicação de como uma L2 é adquirida não tem muita importância para ela, pois o problema de fixar ou refixar parâmetros não é algo simples de se explicar. Schachter, na realidade, adota a posição de que, em aquisição de uma L2, não é provável que se consiga demonstrar que os mesmos processos da L1 ocorrem para a fixação de parâmetros. De acordo com a autora, não é relevante sabermos de que maneira os aprendizes adquirem novos parâmetros, e os pesquisadores deveriam dedicar mais tempo para tentar desenvolver um modelo de aquisição de L2 autêntico e separado da GU. Percebemos que a autora foi muito categórica em sua afirmação, pois não concordamos totalmente com a possibilidade de haver um só modelo que contemple todas as particularidades de uma área tão complexa como a Aquisição da Linguagem e a GU.

Eckman, Moravcsik e Wirth (1989) afirmam que os princípios universais podem ser usados para predizerem a existência e a ordem de ocorrência de certas estruturas tanto na aquisição de L1 quanto de L2. Uma das evidências para isso é o fato de a interlíngua obedecer à GU. Seguindo o mesmo raciocínio de Schachter (1988), esses autores entendem que os aprendizes adquirem primeiro estruturas menos complexas ou mais fáceis e, mais tarde, estruturas mais complexas ou com maior grau de dificuldade. Towell e Hawkins (1994) também consideram que as gramáticas dos aprendizes de L2 são restringidas pelos princípios da GU, e que a variação paramétrica deve ser aprendida através do *input*. Eles fazem a seguinte declaração acerca da natureza da L2: ela é semelhante à aquisição de L1, pois os aprendizes seguem os princípios da GU; contudo, eles têm a necessidade de fixar ou refixar os parâmetros da L2. Obviamente, é evidente que há muitas diferenças entre os aprendizes de L1 e de L2, e um dos problemas nesse tipo de asserção é que é muito difícil mostrar como se refixa os parâmetros quando adquirimos uma língua estrangeira.

Para Cook e Newson (1996), uma diferença relevante é o fato de que nem a gramática inicial nem a final é igual para os dois tipos de aprendizes. Para alguns aspectos da L2, argumentam os autores, a explicação da gramática pode funcionar bem. O que fica difícil de explicarmos é como as pessoas aprendem o que não lhes é ensinado em sala de aula. Embora os autores sugiram a possibilidade de ensinarmos a gramática a partir de explicações dos princípios e parâmetros, eles também não apresentam exemplos de como isso poderia ser feito. Se realmente os aprendizes de L2 têm acesso aos princípios da GU, essa fonte deve estar em suas mentes, mesmo que esse fator pareça estar conectado com seu conhecimento da língua materna (e, por isso, a existência da transferência), com seu estágio cognitivo, com fatores sociais e culturais. Na verdade, Cook e Newson (1996) não consideram a GU como algo separado da aprendizagem; as duas devem andar juntas. Para eles, tentar descobrir se há ou não acesso à GU no aprendizado de uma L2 é algo sem sentido, apesar de muitos pesquisadores (White, 2000; Hawkins e Chan, 1997; Hawkins, 2001; Flynn, 1996; Gregg, 1996) não concordarem com esse ponto de vista.

A partir da opinião desses autores, percebemos como é difícil

chegarmos a uma única resposta sobre a influência da GU na aquisição de L2. Na nossa visão, a GU não pode deixar de ser considerada em uma teoria de aquisição de segunda língua, pois quanto mais pesquisadores tentarem explicar as diferenças e semelhanças entre L1 e L2 com base na teoria inatista, mais entenderemos a natureza da aquisição da L2 e também a estrutura e a organização das faculdades da linguagem. Por isso, a questão discutida a seguir é tão importante, embora tenha gerado muita controvérsia entre os pesquisadores: o acesso — ou não — à gramática universal, pelos aprendizes de uma segunda língua/língua estrangeira.

2. ACESSO À GRAMÁTICA UNIVERSAL NA ASL

A autora Schachter (1989) enfatiza que a Gramática Universal não é fácil de ser definida com precisão e que por isso é importante lembrarmos que ela é relativamente autônoma, caracterizada por um número pequeno de princípios universais abstratos e invioláveis que dão conta de inúmeras semelhanças existentes entre as línguas naturais. Juntamente com esses princípios existem parâmetros, fixados através do *input*, que demonstram as variações entre as línguas. Os princípios e os parâmetros constituem o que chamamos de faculdade da linguagem; uma faculdade que, embora seja independente, interage com outros sistemas cognitivos presentes na mente humana.⁷

A partir dessas suposições, teóricos gerativistas afirmam com convicção que a GU, juntamente com as informações encontradas no *input*, restringe os tipos de hipóteses que serão consideradas pelas crianças adquirindo sua língua materna e determina o que é aceito ou não pela gramática de sua língua. De acordo com Cook e Newson (1996), a questão sobre o acesso à GU é um dos assuntos mais debatidos pelos pesquisadores interessados em aplicar a teoria dos princípios e parâmetros em pesquisas sobre a ASL. Foi a questão acerca da pobreza de estímulo (*poverty of stimulus*) – argumento que tenta provar que os aprendizes de uma L2 sabem utilizar estruturas linguísticas que não foram aprendidas através do *input* – que fez aumentar o interesse em pesquisas sobre qual é o papel da GU nesse tipo de aprendizagem, ou seja, saber se temos ou não acesso

⁷ Para mais detalhes sobre o assunto, consultar “Lectures on Government and Binding” de Noam Chomsky, 1981.

à Gramática Universal diferentemente de quando adquirimos nossa primeira língua. Porém, em se tratando de questão tão específica e controversa, os pesquisadores adotaram ideias distintas a respeito do acesso ou não à GU. Inicialmente, em meados da década de 1980, havia 3 posições; mais tarde, foi acrescentado mais um ponto de vista aos 3 já existentes. Vejamos resumidamente quais são as 4 diferentes posições a respeito desse argumento.

2.1. NÃO HÁ ACESSO À GRAMÁTICA UNIVERSAL

Os proponentes dessa posição declaram que aprendizes adultos não têm acesso à GU devido à existência de um período crítico⁸ para a aquisição de uma L2. Nessa perspectiva, aprendizes adultos precisam recorrer a outros mecanismos de aprendizagem. Os autores que concordam com essa colocação (Johnson; Newport, 1991; Meisel, 1997; Bley-Vroman, 1989) pensam que essa seja a melhor hipótese acerca do acesso à GU. Eles realçam a importância das diferenças entre a primeira e a segunda língua e percebem que, se adultos tivessem acesso à GU, os imigrantes adultos falariam tão bem quanto seus filhos, considerando-se a mesma quantidade de tempo de convívio com a língua. A partir dessa hipótese, percebe-se que a gramática da L1 é a principal responsável pela aquisição da L2 do aprendiz.

Conforme White (2000), com base nessa suposição, o estado final da L1 constitui o estado inicial da L2. Dessa forma, propriedades que não constituem a L1 não estão disponíveis para a L2. Entretanto, segundo essa autora, a denominação “Não-acesso” não é adequada porque a maioria dos proponentes dessa posição observa que algumas estruturas pertencentes à GU estarão presentes nas interlínguas da L2 por terem sido transferidas pela L1. White (2000), por sua vez, prefere a definição *Full-transfer: Partial Access* (Transferência Total: Acesso Parcial) para esse posicionamento. Além disso, ela afirma que, mesmo que se considere a gramática da L1 como ponto de partida, os proponentes dessa posição sugerem que existe possibilidade de desenvolvimento da gramática da L2.

⁸ A hipótese do Período Crítico dita que há um número de anos durante os quais a aquisição de uma L1 ocorre normalmente. Esse conceito também é comumente usado em estudos de L2, os quais declaram que somente crianças (preferencialmente antes dos 7 anos) podem adquirir níveis linguísticos semelhantes ao de um falante de língua materna.

2.2. ACESSO TOTAL À GU

A autora Suzanne Flynn (1996) é a principal seguidora dessa proposta, cujo argumento principal é a inexistência de um período crítico no qual a GU para de operar. Para ela, se é possível ser demonstrado que aprendizes adultos adquirem princípios e parâmetros da gramática universal, isso é suficiente para percebermos que a GU continua operando ao longo da aprendizagem de uma língua estrangeira. Diferentemente da posição anterior, nessa visão, a GU é a responsável pelo estágio inicial da aquisição da L2, embora isso não signifique que a L1 não tenha influência no desenvolvimento da L2.

Na verdade, para essa proposta, a aquisição tanto da L1 como da L2 é similar. O problema dessa afirmação, conforme White (2000), é que muitos autores, como Flynn e Martohardjono (1994), assumem que a L1 tem papel importante na aquisição da L2, mas suas pesquisas não conseguem explicar claramente de que forma isso acontece. Embora sendo uma das proponentes mais incisivas dessa posição, Flynn (1996) alinha-se à ideia de que o “Acesso Total” possui controvérsias. Apesar de os pesquisadores entenderem que há existência do problema lógico para a ASL, a maior parte deles não concorda que os problemas referentes à L1 sejam os mesmos da L2. Na opinião de Flynn (1996), por exemplo, muitos estudiosos (Meisel, 1997; Clahsen e Muysken, 1986) preferem as teorias que dizem que não há acesso à GU ou que há somente acesso parcial na ASL, mas, para ela, há evidências que mostram que o aprendiz de uma L2 tem acesso contínuo à GU e que suas interlínguas são restringidas pelos princípios e parâmetros.⁹ Sobre essa ideia, Flynn faz o seguinte comentário:

Mais especificadamente, esperamos que as gramáticas de L2 possam, por exemplo, se ajustar à teoria X' tanto quanto as gramáticas da L2. Nós também esperamos que os aprendizes de L2 estejam aptos para ajustar um novo valor paramétrico (ou seja, não da L1) a um parâmetro dado. (Flynn, 1996, p.135)¹⁰

⁹ Flynn (1996, p. 129) faz essa afirmação, mas não cita nomes de quaisquer pesquisadores para exemplificá-la.

¹⁰ “More specifically, we would expect that L2 grammars would, for example, conform to X' theory just as L1 grammars do. We would also expect that L2 learners would be able to assign a new (i.e., non-L1) parametric value to a given parameter”. (Flynn, 1996, p.135)

Para concluir, a autora cita algumas pesquisas que demonstram que aprendizes de L2 – japoneses aprendendo inglês – conseguem adquirir princípios que não ocorrem na sua língua materna, mas que estão presentes no inglês. Com essa asserção, Flynn (1996) assegura que a faculdade da linguagem presente na aquisição da primeira língua também está eminentemente presente na aquisição de segunda língua (ASL).¹¹

2.3. ACESSO INDIRETO À GU

Para os estudiosos que se posicionam a favor dessa hipótese (Schachter, 1996; Schwartz e Sprouse, 2000), os aprendizes somente têm acesso à GU através de suas línguas maternas. Eles já tiveram acesso aos princípios aplicados às suas L1 e também já ajustaram os valores dos parâmetros. Schachter (1996) assegura ser essa a base para o desenvolvimento da L2. Contudo, os conhecimentos da língua materna podem influenciar na fixação dos parâmetros da L2 até que sejam encontradas evidências positivas no *input*. De acordo com Schachter (1989), os equívocos cometidos na ASL acontecem porque os aprendizes partem do pressuposto de que os mesmos parâmetros de sua língua materna estão operando na L2. Enquanto as crianças têm acesso a todos os princípios e parâmetros da GU, os aprendizes de L2 somente vão poder acessar aqueles valores paramétricos presentes nas suas L1. Dessa forma, se um parâmetro for necessário para a aquisição de uma língua estrangeira, e ele não estiver presente na L1 do aprendiz, esse parâmetro não vai estar internalizado na sua mente e, por esse motivo, a aquisição completa de uma L2 não será possível. De acordo com essa hipótese, o desenvolvimento da L2 difere totalmente do desenvolvimento da L1; por isso, sob tal perspectiva, é praticamente impossível um adulto ter a competência linguística igual à de um falante nativo. Devemos lembrar, porém, que essa acepção já é considerada anacrônica em muitos estudos sobre aquisição de uma segunda língua.

¹¹ A autora, nesse exemplo, cita o caso do princípio da subjacência (*subjacency principle*). Para maiores detalhes, ver Flynn (1996, p. 134-137).

2.4. ACESSO PARCIAL À GU

Essa é a posição que foi somada às anteriores, em meados da década de 1990, por autores como White (1992), Martohardjono e Gair (1993) e Hawkins e Chan (1997). “Acesso Parcial” quer dizer que há aspectos da GU que podem ser acessados e outros não. Conforme Mitchell e Myles (1998), essa posição tenta reconciliar fatores contraditórios que existem no processo de ASL. Para os autores que seguem essa proposta, a questão do acesso à GU tem as seguintes características:

a) Os aprendizes podem produzir interlínguas parecidas com sua L1 ou com a língua-alvo;

b) Os aprendizes não apresentam estruturas chamadas de *wild grammars*; por isso, eles devem seguir os princípios da GU;¹²

c) Enquanto alguns princípios e parâmetros são fáceis de serem fixados, outros, como o princípio da subjacência, são muito difíceis.¹³

Após essa breve descrição das diferentes análises acerca de como a GU interfere nas interlínguas dos aprendizes de qualquer L2, podemos deduzir que sobre a questão do Acesso à GU, os pesquisadores realmente possuem opiniões bastante diversas. White (2000, p. 149) salienta que “Essas posições têm bastante em comum e há uma considerável sobreposição nas previsões que elas fazem. Talvez seja o momento de adotarmos uma abordagem menos global”.¹⁴ Na opinião de Mitchell e Myles (1998), esses estudos são relevantes por testarem as habilidades de sub-módulos da GU em vez de somente falarem de forma generalizada sobre ela. Aliás, Gregg (1989) já enfatizava em seus artigos o fato de a aquisição de L2, assim como a GU, estarem inseridas em uma visão modular da mente humana.

White (2000) compactua com a mesma opinião de Mitchell e Myles:

¹² O termo *wild grammar* foi usado originalmente por Goodluck (1991) para se referir a possíveis estruturas gramaticais que não seguem os princípios da GU, encontradas nas interlínguas dos aprendizes de L2.

¹³ Segundo Goodluck (1991), o princípio da subjacência (*subjacency principle*) foi descrito por Chomsky (1973) como sendo um componente da GU proposto para dar conta das restrições nas regras de movimento. Esse princípio tem o efeito de restringir o movimento de estruturas relativamente simples. Uma sentença possui certo número de constituintes, sendo que de alguns deles (*islands*), nada pode ser extraído. As orações relativas são um exemplo desse princípio e essa limitação é considerada universal pela teoria da GU.

¹⁴ “These positions have a great deal in common and there is considerable overlap in the predictions that they make. Perhaps, then, it is time to adopt a less global approach”. White (2000, p. 149).

ela afirma que, embora não tenhamos uma resposta final sobre a questão do acesso à GU, estudiosos de todas as posições têm feito colaborações importantes com os resultados de suas pesquisas, fazendo com que o nosso entendimento das interlínguas tenha aumentado consideravelmente. White (2000) ainda coloca uma questão muito importante sobre esse assunto: há vantagens em os pesquisadores continuarem a insistir nessas distinções pelo menos da maneira como elas têm sido feitas? (White, 2000, p. 14). Para a autora, esses estudos deveriam ser reconduzidos, pois será muito difícil descobrirmos se os aprendizes têm acesso parcial ou total à GU, por exemplo. Além disso, se as operações realizadas pela GU são incompletas ou falhas, de que forma isso afeta as interlínguas? Qual será então o exato domínio da GU na ASL? Sem dúvida, essas são questões que provavelmente levarão muito tempo para serem respondidas e que dependem de muitos estudos que levem em conta as gramáticas iniciais, intermediárias e finais das L2.

3. RELEVÂNCIA TEÓRICA DA GU NAS PESQUISAS EM SLA

Os estudos sobre aquisição da segunda língua (ASL) fazem parte de uma área mais ampla que é a linguística. Como é enfatizado por Gass e Selinker (1994), a ASL não é nem mais central nem mais periférica do que qualquer outra área dos estudos da linguagem, ou seja, do que qualquer parte dessa ciência que tem como propósito final entender a natureza da mente humana. Na verdade, um dos principais objetivos da ASL é determinar quais são as restrições linguísticas na formação das gramáticas da L2. Esses autores acrescentam que é justamente porque as teorias da linguagem estão diretamente relacionadas com a linguagem humana que podemos assumir que o conhecimento de uma outra língua não se limita somente aos conhecimentos da L1, e que os princípios linguísticos refletem a possibilidade de criatividade e variação linguística.

Foi em meados dos anos 80 do século passado que as pesquisas em ASL tornaram-se menos dependentes da pedagogia, com estudos voltados à estrutura da linguagem, ao seu desenvolvimento e a suas variações. Começaram também a aparecer estudos relacionados com a neuropsicologia (modularidade cerebral e conexão) e com a

sociologia (teorias de Vygotsky e Labov).¹⁵ Atualmente, há várias teorias que discutem inúmeros fatores ligados à ASL, cada uma delas com suas particularidades e objetivos que, sem dúvida alguma, colaboram para o nosso entendimento do que é e de como ocorre a aquisição da linguagem no contexto de segunda língua.

Novamente destacamos que a teoria da Gramática Universal não foi criada com o propósito de entender os processos da ASL; ela foi concebida especificamente para explicar e descrever as línguas naturais. Sobre essa afirmação, Chomsky faz o seguinte comentário:

Parece-me razoável a suposição de que não existe nenhuma estrutura semelhante à gramática universal em organismos não-humanos e que a capacidade de utilização livre, adequada e criadora da linguagem como uma expressão do pensamento, munida de meios fornecidos pela faculdade da linguagem, é também um traço distintivo da espécie humana, não existindo em parte nenhuma qualquer caso análogo significativo. (Chomsky, 1975, p.47)

Devemos também ter o cuidado de não julgar a GU por ser uma teoria que não observa todos os fatores que deveriam ser examinados na aprendizagem de uma segunda língua. Como qualquer teoria, mesmo tendo sido muito influente nas últimas décadas, ela é alvo de críticas. Uma delas refere-se ao fato de que, até pouco tempo atrás, a GU privilegiava a sintaxe como seu objeto de estudo. Conforme Towell e Hawkins (1994) e Mitchell e Myles (1998), embora isso já tenha mudado e a GU já inclua a fonologia, a morfologia e o léxico nos seus estudos, há áreas como a semântica, a pragmática e o discurso, para citar alguns exemplos, que continuam sendo ignoradas.¹⁶ O objeto de estudo da Gramática Universal continua, basicamente, no nível das sentenças — mas também das palavras, fonemas e morfemas —, e essa é uma das características em que se apoiam seus maiores críticos. Além disso, essa teoria parte do pressuposto de que há um falante ideal, sem levar em conta suas particularidades ou o meio social e cultural em que vive. A ênfase é na linguagem, e não no indivíduo. Mesmo assim, a GU tem sido uma das teorias mais influentes nos estudos de SLA e, segundo alguns autores

¹⁵ Para maiores detalhes sobre neuropsicologia relacionada à SLA, consultar Ritchie e Bhatia (1996); para as questões sociológicas e culturais, ver Vygotsky (1962) e Labov (1972).

¹⁶ O autor Sharwood-Smith (1994) afirma, contrariando outros autores, que alguns aspectos da semântica são estudados pela teoria da GU.

(Towell e Hawkins, 1994; Sharwood-Smith, 1994; Flynn, 1996; Mitchell e Myles, 1998; Cook, 1988), é uma das teorias mais sofisticadas para analisar a linguagem.

De acordo com Sharwood-Smith (1994), o que faz a teoria de Chomsky ser tão relevante para os pesquisadores da ASL é o fato de ela tratar a linguagem, e particularmente a gramática, como um fenômeno psicológico. Gramática não é somente um conjunto de regras, e sim a especificação do conhecimento que um falante tem de sua língua. Na teoria da GU, consideramos a estrutura da linguagem como o produto dos processos mentais do ser humano e também como algo que é resultado da experiência linguística de cada um. Por isso, embora a teoria não aborde alguns aspectos relacionados à ASL, seus seguidores procuram responder questões teóricas cruciais relacionadas ao desenvolvimento das gramáticas das L2, como as enumeradas a seguir:

- a) De que modo as interlínguas são restringidas pela gramática da L1 dos aprendizes?
- b) De que forma a marcação linguística exerce influência no desenvolvimento das gramáticas da L2?
- c) Como os parâmetros presentes na L2 são refixados pelos aprendizes?
- d) Há realmente um 'período crítico' para a aprendizagem de uma L2?
- e) As *wild grammars* (gramáticas ilícitas) ocorrem nas interlínguas?

Além dessas, muitas outras perguntas poderiam ser formuladas para exemplificar as contestações mais recorrentes por parte de estudiosos da ASL. Para Gregg (1989), a teoria da GU é a mais adequada por acrescentar rigor científico à ASL. Segundo o autor, devemos ter em mente que o importante é caracterizarmos a competência adquirida pelo aprendiz e o processo pelo qual ele obtém essa competência; por isso, é necessário o formalismo muitas vezes criticado pelos opositores da teoria da GU. Gregg faz a seguinte afirmação:

Acredito que ninguém pensaria em falar sobre a fonologia das interlínguas sem usar símbolos fonéticos e regras fonológicas formais: por que tantas pessoas ficam tão ansiosas ao falar sobre a sintaxe das

interlínguas sem regras sintáticas? (Gregg, 1989, p.30)¹⁷

Esse autor conclui que formalismos são benéficos, embora haja áreas da competência linguística, como as Teorias do Discurso e a Linguística do Texto, nas quais há mais dificuldade de se trabalhar com um sistema formal de regras. Para essas áreas, Gregg concorda que não há problema em se fazer descrições menos formais ou precisas, mas critica a proliferação terminológica criada por alguns autores: “Creative Construction”, de Dulay e Burt (1975); “Output Filter”, de Krashen (1982), e “Capability Continuum”, de Tarone (1994), por exemplo. Segundo Gregg (1989), se não definirmos claramente a teoria com a qual trabalhamos, corremos o risco de seguir taxonomias que, apesar de poderem ter alguma utilidade, não seguem nenhum princípio teórico específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mitchell e Myles (1998) afirmam que a teoria da GU tem sido muito útil para as pesquisas em ASL por auxiliar os pesquisadores a formularem hipóteses bem definidas que podem ser testadas através de trabalhos empíricos. Para as autoras, a GU é uma teoria valiosa que descreve a língua materna e também as interlínguas produzidas pelos aprendizes de uma L2. Da mesma forma, as pesquisas baseadas na GU descrevem os estágios de aprendizagem e também a sistematicidade encontrada na fala e na escrita das interlínguas. Além disso, as pesquisas em ASL adicionam conhecimentos para o melhor entendimento das línguas naturais, nas quais se incluem, obviamente, as L2.

White (2007) enfatiza que há ainda muita confusão sobre o que é a competência linguística; ela é somente uma abstração e é impossível acessá-la diretamente. Na perspectiva gerativista da ASL, o que se almeja é explorar a natureza das interlínguas, com o objetivo de descobrir as características que subjazem as representações mentais (White, 2007, p. 43). Este artigo está diretamente ligado a esse tema, pois um dos maiores problemas encontrados pelos pesquisadores em ASL é como acessar esse conhecimento.

¹⁷ “No one, I trust, would think about talking about interlanguage phonology without using phonetic symbols and formal phonological rules: why should so many people be so anxious to talk about interlanguage syntax without syntactic rules? (Gregg, 1989, p.30)”.

Para finalizar, esperamos ter esclarecido algumas questões cruciais sobre a Gramática Universal nos estudos de SLA, e que, de alguma forma, a leitura deste artigo possa incentivar pesquisadores e professores a se interessarem pelos tópicos discutidos aqui, que, ao nosso ver, são extremamente relevantes para que possamos compreender melhor a natureza e a aquisição de qualquer língua estrangeira ou segunda língua.

REFERÊNCIAS

- ADJEMIAN, C. On the nature of interlanguage systems. *Language Learning*, 26, 1976, p. 297-320.
- BLEY-VROMAN, R. What is the logical problem of foreign language learning? In GASS, S.; SCHACHTER, J. (Eds.) *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989, p. 41-68.
- CELCE-MURCIA, M. e LARSEN-FREEMAN, D. *The Grammar book*. Boston: Heinle & Heinle, 1999.
- CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- _____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, The Netherlands: Foris, 1981.
- CLAHSEN, H.; MUYSKEN, P. The availability of universal grammar to adult and child learners: a study of the acquisition of German word order. *Second language research*, 2, 1986, p. 93-119.
- COOK, V. *Chomsky's universal grammar: an introduction*. Oxford: Blackwell, 1988.
- _____. *Second language learning and language teaching*. Londres: Arnold, 1991.
- COOK, V.; NEWSON, M. *Chomsky's universal grammar: an introduction*. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1996.
- DULAY, H.; BURT, M. Creative construction in second language and teaching. In: BURT, M.; DULAY, H. (Eds.), *On Tesol '75: New directions on second language learning, teaching and bilingual education*. Washington, DC: TESOL, 1975, p. 21-32.
- ECKMAN, F. R.; MORAVCSIK, E. A.; WIRTH, J. R. Implicational universals and interrogative structures in the interlanguage of ESL learners. *Language Learning*, v.39, nº2, p.173-205, 1989.
- FLYNN, S., MARTOHARDJONO, G. Mapping from the initial state to the final state: the separation of universal principles and language specific properties. In: LUST, B. et al. (Eds.) *Syntactic theory and first language acquisition: crosslinguistic perspectives: vol 1*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1994.
- FLYNN, S. A parameter setting approach to second language acquisition. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996.

GASS, S.; SELINKER, L. (Eds.) *Language transfer in language learning*. Rowley, Massachusetts: Newbury House, 1983.

_____. *Second language acquisition: an introductory course*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1994.

GOODLUCK, H. *Language acquisition: a linguistic introduction*. Oxford, UK: Blackwell, 1991.

GREGG, K. R. Second language acquisition theory: the case for a generative perspective. In: GASS, S.; SCHACHTER, J. *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989, p. 15-40.

_____. The logical and developmental problems of second language acquisition. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996, p.49-81.

HAWKINS, R. The theoretical significance of Universal Grammar in second language acquisition. *Second Language Research*, 17-4, 2001, p. 345-367.

HAWKINS, R.; CHAN, Y. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: the 'failed functional features hypothesis'. *Second Language Research*, 13, 1997, p. 187-226.

JOHNSON, J.; NEWPORT, E. Critical period effects on universal properties of language: the status of subadjacency in the acquisition of a second language. *Cognition*, 39, 1991, p.215-258.

KRASHEN, S. *Second language acquisition and second language learning*. Oxford, UK: Pergamon, 1981.

_____. *Principles and practice in second language acquisition*. London: Pergamon, 1982.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARSEN-FREEMAN, D. On the teaching and learning of grammar: challenging the myths. In: ECKMAN, D. *et al. Second language acquisition theory and pedagogy*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, p. 131-150, 1995.

MARTOHARDJONO, G.; GAIR, J. Apparent UG accessibility in second language acquisition: Misapplied principles of principled misapplications? In: ECKMAN, F. (Ed.) *Confluence: linguistics, second language acquisition, speech pathology*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

MEISEL, J. The acquisition of the syntax of negation in French and German: contrasting first and second language development. *Second language research*, 13, 1997, p. 227-263.

MITCHELL, R. MYLES, F. *Second language learning theories*. London: Arnold, 1998.

RITCHIE, W.; BHATIA, T. *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996.

SCHACHTER, J. Second language and its relation to universal grammar. *Applied Linguistics*, 9, 1988, p. 219-235.

_____. Testing a proposed universal. In: GASS, S.; SCHACHTER, J. (Eds.) *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989.

_____. Maturation and the issue of Universal Grammar in second language acquisition. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996.

SCHARTZ, B.; SPROUSE, R. When syntactic theories evolve: consequences of L2 acquisition research. In: ARCHIBALD, J. (Ed.), *Second language acquisition and linguistic theory*. Malden, MA: Blackwell, 2000.

SHARWOOD-SMITH, M. *Second language learning: theoretical foundations*. New York: Longman, 1994.

TARONE, E. *et al. Research Methodology in Second-Language Acquisition*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1994.

TOWELL, R.; HAWKINS, R. *Approaches to second language acquisition*. Bristol, UK: Multilingual Matters, 1994.

VYGOTSKY, L. S. *Thought and language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1962.

WHITE, L. Markedness and second language acquisition: the question of transfer. *Studies on Second Language Acquisition*. Cambridge, MA: Cambridge University press, n.9, p. 261-286, 1987.

_____. *Universal language and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.

_____. Subjacency violations and empty categories in L2 acquisition. In: GOODLUCK, L.; ROCHEMONT, M. (Eds). *Islands constraints*. Dordrecht: Kluwer, 1992, p. 445-464.

_____. Second language acquisition: from initial to final state. In: ARCHIBALD, J. *Second language acquisition and linguistic theory*. Massachusetts: Blackwell, 2000.

_____. Linguistic theory, universal grammar, and second language acquisition. In: VAN PATTEN, B. e WILLIAMS, J. *Theories in second language acquisition: an introduction*. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 2007.

WOLFE-QUINTERO, K. Learnability and the acquisition of extraction in relative clauses and WH-questions. *Studies in Second Language Acquisition*, Cambridge, MA: Cambridge University Press, v. 14, p. 30-70, 1992.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 14 de março de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 17 de setembro de 2016.